

Port
6044
32

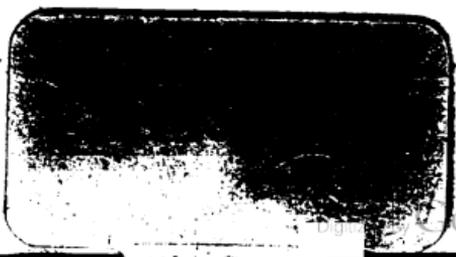
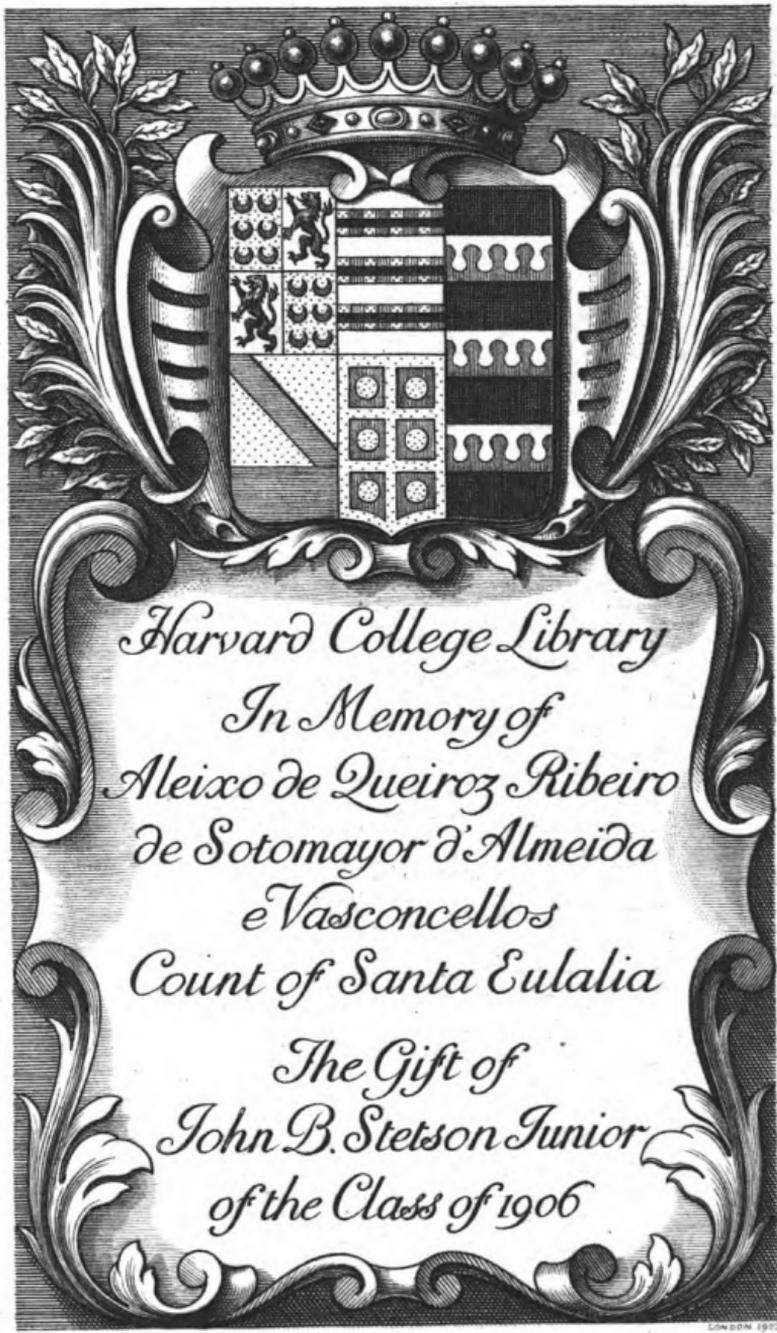
WIDENER



HN Z8BA I



Port 6044.32





*Library
of
Ribeiro
Almeida
dos
Sulalia
Junior
1906*

Cover.

A FOME NO CEARÁ

Cover.

A FOME NO CEARÁ



GUERRA JUNQUEIRO

A FOME NO CEARÁ



LISBOA
DAVID CORAZZI—EDITOR
EMPRESA HORAS ROMANTICAS
40—Rua da Atalaya—52
1877

Part 6044.32

✓

**HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION**

GIFT OF

JOHN B. STETSON, Jr.

Sept. 9, 1924.

32

LIBRARY
EULALIA

N

JN, Jr.
724.

A FOME NO CEARÁ

I

Lança e o olhar em torno;

Arde a terra abrazada

Debaixo da candente abobada d'um forno.

Já não chora sobre ella orvalho a madrugada;

Seccaram-se de todo as lagrimas das fontes;

2-26
145

Part 6044.32

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF

JOHN B. STETSON, Jr.

Sept. 9, 1924.

26-26
148

A FOME NO CEARÁ

I

Lança o olhar em torno ;

Arde a terra abrazada

Debaixo da candente abobada d'um forno.

Já não chora sobre ella orvalho a madrugada ;

Seccaram-se de todo as lagrimas das fontes ;

E na fulva aridez asperrima dos montes,

Entre as scintillações narcoticas da luz,

As arvores antigas

Levantam para o ar — athleticas mendigas,

Fantasmas espectraes, os grandes braços nus.

*
* * *

Na deserta amplidão dos campos luminosos

Mugem sinistramente os grandes bois sequiosos.

As aves cahem já, sem se suster nas azas.

E, exaurindo-lhe a força enorme que ella encerra,

O sol applica á terra

Um caustico de brazas.

O incendio destruidor a galopar com furia,
Como um Attila, arrasta a tunica purpurea
Nos bosques seculares ;
E, Lacoontes senis, os troncos viridentes
Torcem-se, crepitando entre as rubras serpentes
Com as caudas de fogo em convulsões nos ares.



O sol bebeu d'um trago as limpidas correntes ;
E os seus leitos sem agua e sem hervagens frescas,
Co'as bordas solitarias,
Têm o aspecto cruel de vallas gigantescas
Onde podem caber alguns milhões de parias.

E entre todo este horror existe um povo exangue,
Filho do nosso sangue,
Um povo nosso irmão,
Que nas ancias da fome, em contorsões hediondas,
Nos estende através das supplicas das ondas
Com o ultimo grito a descarnada mão.

*
* *

E por sobre esta immensa, atroz calamidade,
Sobre a fome, o exterminio, a viuvez, a orfandade,
Sobre os filhos sem mãe e os berços sem amor,
Pairam sinistramente em bandos agoireiros
Os abutres, que são as covas e os coveiros
Dos que nem terra tem para dormir, Senhor !

gue, E sabei — monstruoso, horrivel pesadelo !
Sabei que ahi — meu Deus, confranjo-me ao dizel-o !
Vêm-se os mortos nus lambidos pelos cães,
ondas, E os abutres crueis com as garras de lanças,
Rasgando, devorando os corpos das creanças
Nas entranhas das mães !

II

Quando inda ha pouco o vendaval batia
dos grandes montes nos robustos flancos ;
E as nuvens, como enormes ursos brancos,
Em tropel pela abobada sombria
Dos canhões dos titans, aos solavancos,
Arrastavam a rouca artilheria ;

Quando os rios, indomitos, escuros,
Iam como ladrões saltando os muros
Para roubar ao camponez o pão;
E cruzando-se os raios flammejantes
Abriam como esplendidos montantes
De meio a meio a funda escuridão ;

★ ★
★ ★

Quando os ventos asperrimos, freneticos,
Como cyclopes doidos, epilecticos,
Com raivas convulsivas
Perseguiam, bramindo, ás chicotadas,
Das retumbantes ondas explosivas
As tropegas manadas ;

Quando entre os gritos roucos da procella
A fome — a loba — escancarava a guella

Uivando ás nossas portas;
E andavam sobre as aguas deshumanas
Com os despojos tristes das choupanas
Berços vazios de creanças mortas;

*
* *

Oh! n'esse instante, ao ver o povo exanime,
Pulsou da patria o coração unanime,
Um coração de mãe piedosa e boa...
E das immensas lagrimas choradas
Muitissimas então foram guardadas
Entre as joias da crôa.

Mas é certo também que além dos mares

Alguem ouviu, alguem, cortando os ares

Essa terrível dor ;

E esse alguem é quem hoje, é quem agora

Morto de fome a soluçar implora

Mais do que o nosso auxilio — o nosso amor.

* * *

Vamos ! abri os corações, abri-os !

Trasborde a caridade como os rios

Trasbordaram dos leitos em Janeiro !

Nem póde haver de certo mão avara

Que o pão recuse a quem lhe deu a seara,

Que a esmola negue a quem lh'a deu primeiro.

A miseria é um horrivel sorvedeiro :
Vamos ! enchei-o com punhados d'oiro,
Mostrando assim aos olhos das nações
Que é impossivel já hoje (isto consola)
Morrer de fome alguem, pedindo esmola
Na mesma lingua em que a pediu Camões !

A
Lui

*A propriedade d'esta obra no Brazil pertence ao sr.
Luiz d'Andrade, residente no Rio de Janeiro.*



This book should be returned to
the Library on or before the last date
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred
by retaining it beyond the specified
time.

Please return promptly.

